

**Mestrado em Mediação
Cultural e Literária**

**Escrita Criativa
Prof. Jaime Costa**

Axiomas do Ser
Conto Ficção Científica

Por: Paulo Jorge Pereira Martins

PG17918

Axiomas do Ser

- A raiz quadrada de sete milhões quatrocentos e setenta e cinco mil a dividir por quinhentos?

Dois segundos de forçada reflexão:

- Novecentos e dois.

- E setenta triliões duzentos e quatro mil e três vezes vinte e quatro mil a dividir pela raiz quadrada da soma de π por vinte e quatro?

Novamente, de sobrelha armada, a resposta vinha em dois segundos, em tom de processamento:

- Dois milhões... duzentos e dois mil... e quatro.

Eu sorria diabolicamente, via no meu pai uma espécie de génio sobrenatural fora dos padrões deste mundo. Não importavam os números nem a complexidade das operações, no tempo que levava a ele erguer a sobrelha a resposta vinha sempre! Sentia-me orgulhoso do pai que tinha e cedo o aprendi a amar...

Com o olhar preso ao passo lento de uma nuvem no céu, recordava todo esse cenário da minha infância. O raio do velho levava-me sempre a melhor, só anos passados percebi que a resposta dada por ele era sempre inventada, o primeiro número que lhe vinha à cabeça, a sobrelha erguida e a resposta pausada eram apenas o palco onde ele encenava todo este acto de me encantar. Na inocência da minha pequenez eu nunca me dei ao trabalho de confirmar os resultados, apenas o primeiro tenho a certeza que ele acertou, e era dos fáceis, todos os restantes ao longo de anos foram embustes delicados que embalavam a minha imaginação. Nos almoços de família, nos encontros de amigos, eu fazia sempre questão de dar a conhecer ao mundo o pai que tinha e usava o seu suposto génio maluco para os números como primeira montra de exibição, os sorrisos e comentários que vinham a seguir só agora percebo que tinham enfoque não no intelecto paternal que tanto me orgulhava mas sim na minha inocência e ingenuidade. Esta foi a primeira grande lição de vida que o meu pai me ensinou. Anos mais

tarde, depois de amadurecido e consciente de toda a trama de encantos e meiguice, o meu pai partilhou-me uma última conclusão esmagadora e final que emoldurei para sempre no íntimo da barcaça que é o meu ser:

- Na vida, para tudo há mil e uma respostas possíveis a todo o momento. Não é por serem respostas que todas serão verdadeiras. Mas também não é por uma ser verdadeira que será a única possível. Quer venha de um buda, de uma criança, de Deus ou de um pai, uma resposta só será verdadeira quando a aceitamos como tal, lógica ou não. Para as respostas da vida não me ouças sequer a mim, cada um tem que começar a busca do zero, senão serás presa do ciclo cruel em que pai passa uma resposta errada de filho para filho e o falso acaba por se tornar a realidade de toda a humanidade.

Com sulcos de lágrimas a embaciar a visão eu pensava melindrosamente:

- Hoje o céu parece mais azul do que habitual... É costume dizer-se que o carácter de um homem se mede pelo número de amigos presentes em seu funeral, se isso fosse verdade hoje o cemitério estaria certamente cheio! Mas só aqui estou eu, um padre desinteressado e mais dois coveiros... Ora aqui está mais uma resposta da vida que embora possível não significa que seja verdadeira...

E descí a visão para o cenário de onde tentara fugir: o caixão já se encontrava bem no fundo da terra à espera das últimas palavras de encerramento, último gesto de humanidade que se pode dar a um morto, a meu pai.

Sete longos anos de solidão separaram pai e filho, tinha que ser a morte, força maior de todas as coisas terrenas, a meter emenda nesta situação e nos juntar novamente. Ainda me lembro da última vez que a vida me permitiu estar junto com meu pai. O pano de fundo era a casa velha (velha de sentidos, velha de lembranças, velha de tudo). As escadas do pátio de madeira rangente eram o palco onde as coisas mais importantes da nossa vida muitas vezes tomaram forma e movimento.

- Tenho pensado muito... Não sei se amanhã volto cá. – Com uma puxada sufocante no cigarro era sempre o meu pai o primeiro a

quebrar o silêncio com a sua rouquidão cavernosa. Eu ficava em pé de guarda antes de responder e esperava que o monólogo acabasse de ser ruminado:

- São demasiadas recordações... Às vezes sinto que ando a comer as minhas próprias asas à bicada só para não me deixar levantar voo.

Sorri, já imaginava que ele estivesse a mentir pela metade.

- Tens a certeza que é isso que queres?

- Existem certezas de alguma coisa na vida? Certezas pensava eu ter quando a tua mãe...

Fitando o cigarro de sobrelha erguida, voltou a engoli-lo com o fundo dos pulmões num sufoco demorado.

- Se for para deixar as asas sararem e levantar voos que valham a pena acho bem. És um pássaro grande demais para o galho em que te metes-te. Eu vou ter contigo ao apartamento, não precisas de vir mais até aqui e repetir a mesma tortura todos os dias.

- Expliquei-me mal: também não sei se me encontrarás no apartamento, desta levanto voo de vez e não sei ainda onde aterro.

Voltei a sorrir sufocado, eu sabia, a verdade e a mentira estavam atadas pela metade. Continuou:

- E aqui não busco tortura, aqui encontro absolvição, sinto-me mais perto dela, mas preciso voltar a sentir a saudade que no princípio me envenenava, só assim conseguirei voar até onde quero ir.

Atirou o cigarro para o chão como quem dá uma esmola à terra, levantou-se e deu-me um abraço apertado com os braços que um dia me embalaram – agora era um abraço entre dois homens que se compreendiam em código de solidariedade – e foi embora de mão e braço estendidos ao ar em sinal de partida, olhos colados no horizonte como quem sabe que nunca mais quer olhar para trás. O voo alto que falava (sabia-o eu muito bem) sempre fora a morte: o galho sagrado onde meu pai sonhara sempre nascer logo à partida mas nunca tinha encontrado as forças para chegar...

Hoje o céu está mesmo mais azul que costume... Ele ia detestar o cliché da chuva e da trovoada no dia do seu próprio funeral, assim está mais a condizer com a ocasião. Só faltava eu tocar uma marcha corrida no trombone e o padre acompanhar com um sapateado popular em cima do caixão sob palmas, piropos e assobios dos coveiros... — o meu pai iria de certeza adorar muito mais esse cenário que a monotonia do actual. Sorri claustrofobicamente enquanto o padre ensonava algumas orações.

Para tudo é preciso perspectivas, e da minha era afinal dia de festa, meu pai e mãe finalmente juntavam-se outra vez num só, não era preciso levantar mais voo, meu pai chegara ao galho que tanto procurara durante a vida. Esta era também a sepultura de minha mãe e nela já uma vez juntos, pai e filho, se despediram de quem um dia os amou. Esse funeral tinha sido bem diferente do de hoje, se agora era dia de festa oito anos atrás o dia era de apocalipse, fel e ranho. Metade do meu pai e um pouco de mim ficaram presos junto a minha mãe no mesmo caixão, bem fundos na terra, e de lá nunca mais se libertaram.

Mãe, esposa, amiga e mulher, Maria Salomé fora a encarnação da vida em toda a sua amplitude e resplendor. Enfermeira de alta responsabilidade no hospital da terra, nunca faltara em cuidados intensivos aos seus dois pacientes crónicos de todas as horas, eu e meu pai. Ela costumava dizer muitas vezes que nos corredores da vida enfermeiros e pacientes se confundiam, mas essas palavras nunca atingiram a compreensão completa em meu entendimento. Ela era assim, misteriosa em cada pedaço do seu jeito de ser. Falar com Maria Salomé era como passear na floresta em pleno Inverno mas com um estranho e reconfortante cheiro a Primavera vindo não se sabia bem de onde. As palavras fluíam-lhe com inocência e simplicidade, numa forma humana e alegre de ser. Nunca a conheci sem sorriso, dizia ela que se era para viver tinha que ser com vontade, uma pessoa que não sorri do acordar ao deitar era como a flor que nasce e murcha sem deixar perfume. E ela era uma flor tão bela... Cabelos-pétalas de um castanho quase ouro escorrendo por um caule sublime. Assim era minha mãe. Meu pai fora o primeiro paciente crónico de Maria Salomé. Médico sobredotado nas coisas do corpo mas vagueante compulsivo dos corredores do não saber viver. A incompreensão humana aguilhoava-o a uma solidão imposta, percebia de tudo o mais complicado que as ciências naturais

explicavam em livros mas nunca soubera compreender e lidar com o próximo, isso o assustava mais do que tudo. Ele contava que os seres humanos eram extravagâncias de Deus quando este se fartara de brincar com a Matemática e quis criar algo que ninguém conseguisse entender. Minha amada mãe respondia sempre com gargalhadas de criança divertida e desalmada a estes timbres sérios do meu pai. Só ela o sabia entender num jeito de amar como mais ninguém. Fora assim que ambos se conheceram, num jeito de compreensão extra-físico-natural. Meu pai, médico chefe de equipa do bloco operatório, deambulava pelo hospital nas horas de pausa (se é que existiam verdadeiramente essas horas num local onde vão ter as dores humanas). Onde todos se juntavam para comer, fumar e desaguar as conversas de maré pouco cheia do momento, meu pai era sempre visto na direcção oposta, nos cantos e recantos onde ninguém lhe perturbasse a serenidade do momento. Gostava de olhar para o céu, nada mais o entretinha do que ver uma nuvem passar num bailado de formas, muitas vezes sentava-se à janela imóvel e pasmado, esse cenário era o pano de fundo de mil e uma introspecções e reflexões sobre o tudo e o nada da vida. Ninguém o incomodava, mas também ninguém o compreendia, entre ele e as facilidades de uma companhia sociável e bem moldada pelos padrões de um diálogo regular e banal, ninguém se aventurava a explorar o véu de estranheza que a companhia profunda e cheia de metafísicas do meu pai erguia. Todos, menos minha mãe. Maria Salomé era mulher de puxar palavras até de uma rocha bem sedimentada e ninguém sabe bem porquê mas um dia começou a trocar os ajuntamentos de conversa fácil na máquina dos lanches pelos recantos do hospital onde habitualmente pousava o meu pai nas horas vagas. Ele teimava em contar que tinha sido o primeiro a cortejar minha mãe, mas esta só sorria e me piscava o olho, numa confirmação de toda a sua majestade de ave que voa alto sem levantar poeira ou rastro. Só ela o sabia entender, só ela o sabia amar, numa doçura de carinho e sorriso extra-humano.

Ainda recordo os altos serões em que a sonolência que embalava pai e filho sentados à lareira era eclipsada pelo ranger de passos no horizonte do pátio de madeira. De pestanas em riste ambos voltávamos toda a nossa alma para a porta, minha doce mãe estava a chegar de mais uma noite cansativa no hospital.

- Vocês dois não têm remédio mesmo, qualquer dia tenho que abrir uma clínica privada só para cuidar de ambos – meu pai sorria como quem vê a luz ao fundo do túnel, eu morrinhento da birra em

não dormir antes que minha mãe voltasse, soltava um “bem-vinda” com ternura de embalo.

Era assim que vivíamos muitos longos serões esperando a volta de minha mãe como quem espera a cura milagrosa num corredor de hospital. Quem conhecia meu pai assegurava que nunca mais teve a mesma cara desde que conheceu Maria Salomé. Ele dizia muitas vezes que minha mãe era o seu antídoto da força, não fora ela nunca teria tomado o gosto da vida e fincado pés. Ainda recordo um dos momentos mais hilariantes da minha vida, quando um mendigo, debaixo de chuva miúda e alheamento tocava flauta num tom confuso e melancólico que me trás muita lágrima à alma. A flauta era a única coisa que o separava da vergonha aguda de estender a mão no vazio, e o chapéu roto no chão a única esperança de se manter humano e vencer a fome. Enquanto caminhávamos por essa avenida minha mãe ao primeiro avistamento do cenário que pedia compaixão humana, sem pestanejar, leva as mãos à bolsa, mas não encontrou dinheiro, pasmou e não avançou mais.

- O que foi? – pergunta meu pai ao notar o atraso no passo de Maria Salomé.

- Nada. – respondeu ela depois de lançar um olhar demoradamente sério aos olhos de meu pai.

- A cabeça de uma mulher é como os confins do espaço, nunca se sabe os mistérios que vão nela. – segredou-me e continuou o passo. Minha mãe retomou também o dela, mas agora num passo de sargento e numa corrida de um salto só rouba a carteira do bolso de meu pai, volta atrás, despeja todo o dinheiro e deixa carteira e tudo o mais no chapéu do mendigo juntamente com um sorriso e uma palavra: “força amigo”.

- Esta é a paga por o ignorares, se ele não merece umas moedas tu também não mereces a carteira, não é por estarmos de barriga cheia que temos o direito de esquecer o que é a fome. – e assim começou um dos momentos mais hilariantes da minha vida, enquanto minha mãe despachada me levava pelo braço, o meu pai, envergonhado como sempre foi e medroso de gente, atrapalhado e cheio de gaguejos tentava ganhar coragem para reaver a carteira enquanto nós adiantávamos passo largo.

Era assim minha mãe, uma onda que deixava forte marca na areia. Todos os dias eram vividos em função do amor com que ela

nos alimentava nas trincheiras da vida. Um dia, nós acordamos, e ela morreu. Suicídio no alpendre das escadas de madeira, frascos de comprimidos escolhidos para uma morte certa, lábios azuis da noite fria, braços tombados, vazio, morte, nada...

É estranho, estou no funeral de meu pai mas as primeiras lágrimas que caem são pela recordação da morte de minha mãe. A ideia de que um homem perante a morte revê a vida inteira num só desfolhar de olhos talvez se aplique igualmente aos vivos. Na verdade meu pai já há muito tinha sido enterrado, o momento agora era de burocracia, junto a Maria Salomé já a alma de meu pai repousava há sete anos, só o corpo voltava à terra nesta hora.

- Quer dizer as últimas palavras? – Perguntou o padre depois da sua cantiga de melancolias envelhecidas.

Acenei a cabeça e voltei para casa enquanto os coveiros uniam corpo e terra num só.

O caminho todo foi de recordação e nostalgia. Afinal, eu era o único sobrevivente a respirar da família, o único a não se suicidar para a vida. Às vezes pensava se seria corajoso ou apenas um cobarde disfarçado. Meu pai fora um cobarde assumido – no dia seguinte ao choro e ranho da evidência macabra que tinha sido o suicídio de minha mãe, meu pai também ele se tentara suicidar. Daí outras tantas vezes se seguiram. Em todas nunca me precisei preocupar, meu pai não conseguia, não tinha coragem de dar o passo, Maria Salomé é que fora a chama branca da vida o tempo todo e ele apenas o paciente devoto que se arrastava pelos corredores do não saber nem querer viver, mas ironia das ironias no final minha mãe assumira-se num suicídio a descoberto enquanto meu pai se perdia numa cobardia de pássaro que teme levantar voo. Foi assim que passou um ano até à decidida partida de meu pai no alpendre das escadas de madeira. A questão que agora me acompanhava no regresso a casa era: o que tinha feito meu pai durante os sete anos seguintes que culminaram neste último reencontro na sepultura?

Há quem deixe terras, moedas, coisas de apalpar, tocar e gastar, meu pai partiu e deixou apenas algo imensamente mais palpável – os seus pensamentos divididos em duas caixas de cartão timbrado e um

embrulho encostado num canto da minha sala. Recebi tudo por correio alguns dias antes do funeral, o meu palpite dizia-me que meu pai já sabia que iria morrer e este era o testamento adiantado que me enviava em antemão. Ler cada folha solta era o mesmo que segurar meu pai pelos ombros no seu leito de morte, olhando-o nos olhos e ouvindo sua respiração a desvanecer numa lentidão estendida ao infinito. A maior parte eram esboços e rascunhos confusos e difíceis de ler – nada representaria melhor o íntimo de meu pai. Anatomias a nu, esboços de partes do esqueleto, cérebro, órgãos e uma outra tanta infinidade de peças macabras que nos fazem homem e mulher. Dos desenhos pendiam outras mil e uma anotações confusas onde cada seta se perdia como um emaranhado de estrelas soltas no céu. Por entre os molhos de papel solto, um massudo manuscrito unido a cordel levantava vista de destaque. Já o rondava há algum tempo mas ainda não encontrara as forças para erguer a primeira página, portão de peso colossal que me atirava para um mundo de recordações que evitava reviver. Cada página era um pedaço de carne de meu pai que eu segurava nas mãos, e cada desfolhar um olhar nos seus olhos. Com a morte de minha mãe uma questão passou a atormenta-lo mais que tudo: porquê? Porque ela se suicidou quando nenhum sinal de falta de vontade de viver se nos revelava? Quando ela era o único raio de vida largo que preenchia as paredes da nossa casa, como foi este desfecho possível? Tudo o que ela nos ensinara, toda a esperança, toda a alegria, todos os sorrisos, todas as leis morais e fé num Deus justo e bom, como poderíamos nós continuar a acreditar se o nosso mentor maior renunciava ele mesmo a tudo isso? O mundo entrou num caos sem sentido, rumos ou direcções para meu pai. No início teimava ainda em não acreditar, dizia muitas vezes que tinha sido um homicídio disfarçado sobre a camuflagem de suicídio, era impossível Maria Salomé fazer algo tão cruel, tão contra a vida. Longas vezes fui busca-lo à delegacia onde teimava em fazer queixa e entrar em disputas com os oficiais.

- Nós respeitamo-lo e é só em memória da sua dor que não tomamos providências, mas por favor não crie mais confusões na delegacia. As autópsias, impressões digitais e relatórios são todos conclusivos, foi suicídio, sem tirar nem pôr. Não há marcas de agressão de nenhum tipo no corpo, as portas e janelas da casa estavam todas impecáveis sem sinais de forçar em lado nenhum, e os comprimidos eram exactamente os que tinha presentes sempre em casa, o Senhor Doutor mais do que ninguém sabe do valor conclusivo da autópsia, envenenamento por substâncias tóxicas vendidas

livremente em qualquer farmácia em vários medicamentos. Até a nós pesou muito na alma esta situação, mas por favor, não force um cenário paralelo em que não podemos participar. – Eram estas as palavras com que o oficial tentava acalmar o meu pai sempre que eu o ia buscar à delegacia, a pedido.

Mais do que a morte de minha mãe custou-me as torturas que meu pai se auto impunha, como pena por uma culpa que teimava em voltar para si mesmo. Começou a beber, a fumar, a vadiar e desdenhar a companhia humana. Até Deus passou a ser vítima das suas longas calúnias. Mas mais do que tudo, foi a si mesmo que começou a amaldiçoar e maltratar, muito mais do que qualquer coisa ou alguém neste mundo. Culpava-se por não ser capaz de compreender, evitar nem aceitar a razão que empurrou Maria Salomé do abismo. Até que um dia decidiu desaparecer e afastar-se de tudo e agora aqui sobre eu, numa sala vazia de vida, com um pedaço da história velada dos rumos finais de meu pai. Neste massudo manuscrito lia-se ao abrir: "Axiomas do Ser". Foi a partir daqui que todo o calor de vida me abandonou, cada página era o diário de uma jornada que eu só esperava terminar junto ao abismo.

Tudo começava com um simples evento descrito a tinta preta:

"Num acidente banal cortei parte do polegar. Estava bêbado, e pior que bêbado, revoltado. Esta fórmula foi o suficiente para uma combustão de raiva que se sublimou numa garrafa partida contra uma parede. Caí, perdi o equilíbrio de tão embriagado de revolta, e cortei parte do dedo. O primeiro passo foi estancar o sangue com primeiros socorros básicos, fora a dor do momento, não era nada demais para um médico-cirurgião experiente de várias ocasiões mais agudas. O facto que verdadeiramente justificou este registo foi uma ideia, um raio fulminante de constatação sobre algo que poucos costumam reparar não fora a tendência mais para a morte do que para a vida pela qual eu passava no momento: ao olhar no chão o pedaço da minha carne, a ponta do polegar solta pelo vidro da garrafa, fiquei pasmado por me sentir vivo mesmo vendo essa parte de mim desprendida do corpo, foi fascinante a epifania que de repente me preencheu como uma tempestade, eu era um ser humano de corpo e carne unos mortais, mas um pedaço de mim mesmo estava solto e inerte no chão.

- Eu não sou o corpo! – Este pensamento foi a primeira máxima de uma nova doutrina de ideias que me começou a preencher, como num momento de luminosidade fulminante.”

Ora aqui estava algo que nunca esperei ler de meu pai. Nunca fora homem de espiritualismos à flor da pele, para ele a linha da frente sempre fora mais a carne, a prisão e dor da matéria, Deus e o astral só lhe serviam como alvos de calúnia. Mas se não era corpo então o que era ele? O que o separava da vida e da morte? Existiria mesmo uma alma, um espírito como Maria Salomé tantas vezes gostava de falar? Haveria mesmo Deus? Estaria meu pai verdadeiramente a aceitar essa possibilidade, abraçando o que de mais belo minha mãe tinha em si – o gosto por todas as coisas da vida (e quem tem gosto por todas as coisas da vida não acredita na morte como fim, mas sim como principio de mais vida). Nos relatos seguintes podia ler que esse momento causou-lhe um transtorno enorme no fundo do seu íntimo, de um momento para o outro sentiu-se pequeno, estúpido e ignorante, mesmo bêbado sentiu-se envolto por um pensamento de que era patético. Várias páginas se seguiram relatando toda a revolução interior que esta epifania despertara nele. Milhentas questões existencialistas se começavam a erguer. Ele relatava que não mais conseguia ser o mesmo:

“Fiquei em estado de choque agudo. Se a lei servia para um pedaço do polegar, também serviria para tudo o mais: pés, mãos, braços, pele, órgãos, tudo me podia ser arrancado e esquartejado que eu continuava a existir, isto, claro, tomando por garantido que as funções vitais eram emuladas de alguma forma. Imaginemos que estamos de olhos fechados, na cama, isolados do mundo em silêncio total, na hora do dormir. Alguma vez nos sentimos mortos? Alguma vez consideramos a hipótese de morrer nessa mesma hora? A vida enche-nos tanto as entranhas que vivemos como se nunca fossemos morrer de verdade. Agora imaginemos, que deitados nessa mesma cama, alguém nos corta pedaço a pedaço a carne: primeiro os dedos, depois as mãos, pés, pernas, braços, tudo aos poucos e sem dor, estancando imediatamente o sangue em milésimos de segundos. Agora suponhamos que nos era tirado órgão a órgão, mas emulando cada uma das suas funções vitais: rins, pâncreas, fígado, pulmões, todos iam sendo arrancados mas em sua vez um aparelho que lhes simulasse as funções era colocado imediatamente ligado a todas as artérias e veias correspondentes. Depois, de um golpe só, imaginemos que tudo era desligado e nos arrancavam a cabeça pelo

pescoço, ficando nós só com esta e a medula espinal, mas logo no microssegundo seguinte nos ligavam todas as artérias e veias a tubos de uma máquina que bombardeava sangue artificial com todos os nutrientes e oxigénio que as nossas células presentes na cabeça necessitam para funcionar. Mesmo só com a cabeça, sem respirar, nestas condições, com as funções básicas de oxigenação e nutrição asseguradas às células que sobravam, imagino-me a existir, consciente e bem vivo. Quantas vezes eu, nas horas de reflexão aguda, não fechei os olhos e tentei adivinhar onde a alma teria ninho no corpo, caso existisse de verdade uma alma é claro. Sempre imaginei que seria algures entre a cabeça e o peito, é lá que me sinto repousar sempre que fecho os olhos, e penso que o mesmo pode ser dito para todos nós nesta partilha de sensações, os membros e tudo o mais sempre me pareceram anexos distantes do meu existir. Por vezes, quando a onda de reflexão se estendia longe demais, chegava mesmo a imaginar que a alma no fundo sou eu, ser extraterrestre minúsculo, sentado numa cabine também ela minúscula, atrás dos olhos, com os meus nervos de alma ligados aos meus nervos de corpo e as mãos e pés de alma unidas a manivelas e pedais que comandam esse corpo de carne e o fazem andar. A partir daqui por mais inspirado que fosse o momento nunca consegui imaginar mais, por mais que usasse e abusasse da imaginação. Podiam-me retirar talvez os maxilares, o nariz, os olhos, a pele, mas não me consigo aventurar em mais suposições fantasiosas sobre o cerne do meu existir. A pergunta maior que em mim se levanta daqui em diante é: até onde era possível cortar e emular de modo a eu continuar a existir? Qual o órgão ou ponto principal que serve de ligação entre o que é o meu corpo e o que verdadeiramente sou eu, a minha alma ou ponto de fuga do meu existir?"

Enquanto lia, a pertinência da questão e a eloquência dos pensamentos revolucionários faziam sentido e abriam-me alas no entusiasmo, no entanto duvidava da possibilidade em se obter realmente alguma resposta válida e sólida a tudo isto, até aqui tudo me continuava a parecer muito o meu pai de sempre: génio maluco que se perdia mais no pensar do que no fazer. Mas enchiam-se de lágrimas os meus olhos. Nunca imaginara meu amado pai em monólogos espiritualistas; existencialistas e depressivos sim, mais do que isso nunca ousei esperar. Uma infância privada de sonhar por pais que teimavam em apontar o rumo da medicina como trajecto único, e um coração isolado da amizade e compreensão humana consoladoras, fizeram de meu pai um homem sem sonhos logo à

partida. Emocionava-me vê-lo a vencer finalmente esta luta contra a maré e a lançar sonhos e pensamentos altos em positivismo espiritual. Minha mãe ficaria orgulhosa caso ela mesma não tivesse também sucumbido a esta fala de apetite de viver, vírus terrível que infectara meus amados pais. Os próximos capítulos adensavam-se em perspectivas interessantes sobre o próprio acto de viver:

“Eu estava derrotado pelas novas ideias e possibilidade que se estavam a abrir dentro de mim. Sempre vivi por viver, separara-me de Deus à nascença pelo cordão umbilical e caíra no mundo seco e duro sem perspectivas ou direcções, como quem atravessa um deserto só por atravessar, sem contar em chegar a nenhum lugar, sem acreditar em oásis, água fresca ou sequer vegetação, atravessava o deserto somente com a perspectiva que chegaria a um ponto em que iria tombar no chão inerte e cansado pela seca, e quanto a isso nada poderia fazer. Esta sempre fora a metáfora que espelhava o sentimento que guardava sobre a vida: uma espera inútil pela morte colossal e definitiva, que não me levaria a nenhum lugar e por isso mesmo não valia a pena ir também a algum lugar em vida. Esta nova perspectiva abria-me portões de novidade e entusiasmo dentro de mim mesmo, se eu não era o corpo talvez tudo o que Maria Salomé me falava, tudo o que as pessoas de esperança e gosto de viver falavam fosse verdade. Talvez existisse mesmo algo mais e superior a toda esta forma mesquinha de existir no mundo. Sendo isso verdade, eu tinha que descobrir a ligação concreta entre o corpo e o Eu verdadeiro, a alma! Não acredito em visões de fé. Acredito em sentidos plenos e ligações lógicas entre tudo o que existe. Tal como a visão do Sol em redor da Terra assumira uma perspectiva leiga e ignorante séculos atrás, eu proibia a minha nova perspectiva sobre a ligação entre a vida e a morte de assumir também tamanha ignorância, tudo podia ser explicado logicamente dado o esforço necessário para ser compreendido, ponto. Comecei a tecer projectos, planos e ideias de forma a encontrar respostas, mas antes disso procurei as bases: teci a teoria dos ‘Axiomas do Ser’.”

A partir daqui os manuscritos de meu pai tornaram-se mais teóricos e profundos em pensamentos filosóficos. Cada linha exigia de mim um esforço demorado e de difícil compreensão, mas a solidez de cada argumento refrescavam o meu pensar:

“Um axioma é uma verdade pura e inabalável que pode ser verificada por qualquer um e que serve de base ao restante conhecimento. Um proposição tão evidente que não precisa ser

demonstrada. A Matemática, por exemplo, vive de axiomas, é deles que alimenta a credibilidade imensurável que as nossas sociedades depositam nela. Por exemplo, se duas coisas são iguais a uma terceira, então também são iguais entre si - isto é um axioma mais do que evidente que serve de pilar a saberes tão complexos como a própria ciência. Mas o Ser, o existir, a vida humana, que axiomas os pautam? A minha experiência conta-me que isso varia de individuo para individuo. Há, por exemplo, os que tomam a existência de Deus como um axioma, mas há também outros que tomam a não existência de Deus como um axioma de suas vidas. Isto é paradoxal, pois um axioma por si só tem que ser uma verdade irrefutável e universal. Divergindo os indivíduos nas bases de seus axiomas e modos de vida só prova que no fundo não temos bases de vida em que nos fundamentar, pois um axioma nunca poderá entrar em conflito com outro axioma para ser verdadeiro, daí perderíamos todo o sentido da realidade. Talvez por isso tenha eu vivido sempre até aqui sem vontade de viver. Talvez por se deparar com este paradoxo perigoso, tenha Maria Salomé também se suicidado. A sociedade por vezes leva-nos até estes precipícios sem saída, alimentando falsas verdades que confundem a verdadeira essência das coisas e nos levam ao desespero sem saber onde começa ou termina a verdadeira realidade das coisas. Antes de avançar com qualquer outro tipo de investigação no campo do Ser, faz-se necessário estabelecer axiomas verdadeiros e sólidos a toda a sociedade humana. A minha reflexão tem-me levado por muitos becos sem saída e por muitos momentos de puro existencialismo dorido e depressivo, mas encontrei um começo em Sócrates: "Só sei que nada sei". Este deve ser o ponto de partida que todo e qualquer individuo deve usar de modo a evitar os paradoxos que há pouco eu falava, senão vejamos: um homem nascido em Portugal, numa família extremamente religiosa e católica, num ambiente duro e sem contacto com pessoas que pensam sobre outros prismas, será quase instintivamente levado a seguir os conceitos e falsos axiomas adoptados pela sua comunidade. O mesmo se aplica a um individuo que nasça como Muçulmano, ou a um individuo que nasça entre pais ateus e materialistas. Sem a perspectiva socrática do "só sei que nada sei" tomada como ponto de partida, todo e qualquer individuo será vítima de dois factores cruéis: a cultura onde nasce e as suas próprias experiências de vida. Ambas as condicionantes são muito limitadores, pois a cultura é um ciclo vicioso que só tem tendência a criar homens com mentes de robôs, e as experiências de vida de um só individuo são como um grão de

areia no meio do oceano profundo que só alimentam perspectivas unilaterais e limitadas (por exemplo, um individuo que sente na pele o que é a violência e pobreza terá perspectivas sobre a vida muito diferentes de alguém que nasce em berço de ouro e nunca adoeceu). Temos que derrubar com estas limitações humanas para encontrar axiomas verdadeiramente sólidos e comuns a todos. A minha reflexão tem-me conduzido sempre a dois axiomas base que evoco como principais da condição humana e a eles me rogo na crença de que serão de benefício comum a todos os de minha irmandade humana, suprimindo muitas das infelizes dores que atormentam meio mundo. Ao primeiro Axioma do Ser chamarei Axioma de Deus, ao segundo Axioma da Bondade.”

Era mesmo inacreditável, meu pai, ser altamente revoltado a todo o tipo de filosofias moralistas, ele mesmo se convertia a todas elas por força de uma epifania milagrosa, em troca do dedo ganhara coração aberto a novas perspectivas mais humanas. Se a introdução me abalava e comovia, os relatos seguintes emocionavam muito mais pelo sentido brilhante e esperançoso que glorificavam na condição humana:

“O Axioma de Deus” pode ser resumido nesta simples afirmação:

- Tem imensamente mais sentido haver vida depois da morte do que não haver vida depois da morte.

A ilusão da simplicidade desta frase não deve servir nunca de muro à sua real compreensão e esmagadora importância. A sociedade actual tem uma tendência enorme de fugir a tudo o que seja espiritual escondendo-se sobre a carapaça de um materialismo que não passa mais do que uma ilusão de quem só quer fugir à realidade. Isto porque a realidade é pura e simplesmente esta: todos nós, pobre, rico, homem ou mulher, jovem ou velho, passaremos, inevitavelmente, imensamente mais tempo “mortos” do que vivos. Alguém contesta esta verdade? O que são 75 anos de esperança média de vida frente a uma imensidão de tempo sem fim que se alastrará muito para além depois de termos falecido? Também é verdade, na mesma linha de pensamento, que todos nós já passamos mais tempo “mortos” do que vivos. Antes de nascermos, quantos séculos infinitos já não passaram pelo universo, que valor têm os escassos anos de vida que teremos perante os imensos anos que ficaram para trás de nós, e os imensos anos que tomarão a nossa frente? Daqui se observa logo à partida a relatividade de toda a vida

humana, somos apenas pequenos pingos de pó na imensidão do universo infinito, universo este que nem precisa de nós para existir, não valemos mais do que uma árvore, nem valemos mais do que uma pedra para o universo, somos partes do mesmo e colossal espaço sem fim. Até aqui duvido que haja contra-argumentos possíveis, seja de quem for. O ponto fulcral a que quero chegar reside no facto de que é imensamente importante para nós, humanos, a existência de vida depois da morte. Ninguém lhe fugirá na devida hora, por mais que evitemos pensar sobre o assunto, por mais que fuçamos à verdade, a realidade é que um dia todos, todos mesmo sem excepção, tanto eu e tu, um dia cairemos inertes, pálidos, sem ar ou movimento mortos no chão, e todo o corpo apodrecerá, tudo o que pensamos saber ou fazer em vida cessará. E o que sobra? O que fica? Serão eternos os anos que sucederão esse facto? Por tantos anos infinitos que passaremos mortos, não preferíamos que fossem recheados de vida? Não é uma ideia atormentadora imaginar o nada, o não existir em lado nenhum, o não ter consciência, o acabar total de tudo o que somos. Claro que é um tormento pensar assim, todos nós, sem excepção, de tão cheios de vida que nos sentimos decerto que não nos conseguimos imaginar existir de outra forma senão vivos. Aliás, toda a nossa forma de vida actual é uma negação à morte, todos vivemos como se nunca fossemos morrer, e infelizmente muitos também morrem como se nunca tivessem vivido de verdade, mas isso é outra questão. Perante a morte temos duas possibilidades de aceitação, somente duas: crer que tudo acabará, que tudo em nós é matéria e será o fim completo do Eu; ou abraçar a ideia que só mudaremos de embrulho, de meio, de espaço, mas que continuaremos a existir de alguma forma eternidade fora. As nossas religiões falam-nos disso das mais variadas maneiras, muitas até chegam a ser ridículas. Mas um facto interessante é que qualquer homem, mesmo uma criança que à nascença seja lançada à natureza sozinha e abandonada, todo o indivíduo sem excepção inaptamente tem a ideia de Deus gravada dentro de si, e inaptamente criará teorias da vida e da morte que vão de encontro à visão mais positivista onde a morte final não é opção. Isto também, por si só é um facto. Dos índios na Amazónia, até ao oriente, passando por aborígenes da Austrália, todos e todos os povos seguem o mesmo tipo de pensamento inatamente, por mais isolados que se encontrem. Não é este facto estranho por si só? Sempre me tentei convencer que seriam apenas formas humanas de fugir à verdade através da imaginação, mas agora com uma mente

mais desperta e consciência sem muros, percebo que há um sentido superior em tudo isso. E é aqui que nasce o primeiro Axioma do Ser. Faz imensamente mais sentido que haja vida depois da morte do que não haja vida depois da morte. Aliás, a segunda alternativa não tem sentido nenhum, os materialistas que a defendem com unhas e dentes são apenas homens cheios de ilusões e confusos tal e qual qualquer religião fanática que defende o contrário cegamente por meios primitivos. Esta verdade é um axioma impossível de derrubar pois senão vejamos: se não há vida depois da morte, para que serve a vida actual? Eu falo por mim mesmo aqui e agora: se eu abraçasse alguma vez a ideia de que não há vida depois da morte de braços abertos, aqui e agora eu suicidava-me sem pensar duas vezes. Não faz sentido viver se tudo o que fizemos cair no vazio, e tudo o que se seguirá será um tempo infinito de não existir comparado com os escassos anos de vida neste planeta, neste mundo, de qualquer ser. Somente a ideia de que há vida depois da morte faz sentido, isto alargo a qualquer humano. Negar esta perspectiva é o mesmo que nos suicidarmos, pois aí tudo o mais seria válido: roubar, matar, violar, drogar, tudo seria altamente válido, pois a vida não tinha sentido, não tinha lógica, não tinha rumo, portanto tudo o mais seria opção uma vez que a própria natureza e a própria vida eram poços de crueldade sem fim. Digo crueldade pois num universo tão perfeitamente equilibrado, belo e infinitamente misterioso, dar o gosto da vida a um ser, para logo depois, em escassas décadas de existência lhe roubar eternamente esse mesmo gosto era de uma crueldade demoníaca, o universo seria a encarnação da figura mítica do Diabo em si mesmo. Não faz sentido algum não haver vida depois da morte. O universo é perfeito de mais para permitir uma lacuna tão enorme nas suas redes de beleza sem fim. Olhemos por exemplo o céu estrelado numa noite vasta, cada ponto brilhante no céu representa uma estrela, cada uma dessas estrelas é provavelmente imensamente maior do que o nosso Sol; cada estrela, mais do que isso representa um sistema de planetas imenso e completo ou até mais, uma inteira galáxia! Então cada ponto brilhante no céu no fundo representa centenas ou milhares de planetas e outros pontos e referências no universo; imaginemos a imensidão de pontos brilhantes que vemos num céu estrelado; agora juntemos todos os outros imensos pontos estrelados do universo que não conseguimos ver ora por distância ora por falta de ângulo; juntando tudo temos a soma de um infinito! Não é isto maravilhoso? O universo não apresenta níveis de perfeição altamente elevados? Não é o simples

facto de vivermos e existir já um milagre? As estatísticas científicas mostram que a ser verdade um Big Bang misterioso milénios atrás, só a possibilidade de se originar condições para a vida a partir dele são de milésimas e milésimas percentuais, e isto é outro facto. Não é tudo isto argumento mais do que válido para sabermos que estamos em boas mãos? O universo deu-nos a vida, que perfeição seria essa se não perpetuasse a vida de outras formas? A física quântica tem dado suporte a esta perspectiva, pois tem demonstrado aos cientistas a enorme relatividade da realidade que conhecemos. Este ramo da física tem inclusive atestado a possibilidade de existirem outras dimensões, dado o facto de os próprios cientistas verem microscopicamente pedaços de partículas a aparecer e a desaparecer misteriosamente não se sabe de que maneira. Não será isso por si só uma porta aberta capaz de unir as teorias da terra com as teorias do céu?

Este axioma inabalável a que chamei "Axioma de Deus" é de valor incalculável para o mundo contemporâneo. Partindo deste princípio e aceitando esta perspectiva, todo o homem viverá mais feliz, sem tanta confusão, sem tanta falta de humanismo, pois a vida terá sentido e mais do que isso: terá objectivo! Viveremos a pensar no amanhã conscientes que o hoje é superior a todo este jogo de interesses humanos a que chamamos materialismo, isto é um descanso para as almas humanas. Viveremos mais em função do Ser, menos em função do Parecer e do Ter. Valorizaremos o nosso Eu como o maior tesouro do universo, pois perante a morte e uma nova vida o Eu é tudo o que nos resta. Veremos no próximo um milagre, pois a vida espelha-se em tudo o que nos rodeia. Faz mais sentido haver vida depois da morte do que não haver vida depois da morte. A primeira alternativa conduz-nos ao cosmos e dá sentido a tudo o que existe, a segunda alternativa conduz-nos ao caos e condena tudo o que pensamos que existe. Só seria capaz de viver num mundo onde a primeira possibilidade fosse válida, caso contrário, suicidava-me aqui e agora, nada valeria a pena. Este é o significado maior do "Axioma de Deus". E tomo aqui a palavra Deus como a mais usada mas ao mesmo tempo a palavra mais misteriosa e incompreendida entre toda humanidade. Todos, de todas as raças e meios a conhecem, mas ninguém encontra no seu significado real consenso. Eu tomo-a na significação mais pura: Deus significa a instância mais elevada de consciência e origem de todas as coisas, incompreendida e impossível de compreender no estágio actual pelos humanos devido às limitações de nossas consciências ainda em evolução. Nada de

sentidos religiosos ou místicos, neste contexto assumo apenas uma perspectiva puramente humana de uma palavra importante a todos os humanos.

O segundo axioma que achei inabalável na condição humana é o "Axioma da Bondade". Resume-se na seguinte sentença:

- Um homem é mais evoluído quanto maior for a sua condição moral face a outros homens.

Este axioma explicasse por si mesmo. Há alguém capaz de o contra-argumentar? É uma verdade pura e inabalável da nossa própria condição. Tomemos por exemplo a seguinte comparação: primeiro imaginemos um homem intelectualmente brilhante, genial, a viver algures num século medieval. Este homem dedica-se completamente à ciência, sabe de tudo o que há a saber entre o conhecimento humano actual. Descobriu como criar pólvora, descobriu como domar a energia nuclear e desvendou os mistérios da desagregação da matéria. Com estes saberes conquistou o mundo pela força. Matou metade da humanidade. Chicoteia a mulher quando esta falha nas tarefas. Reprime meio mundo por ser o homem mais inteligente à face da terra. Agora imaginemos um pobre homem mendigo. As dificuldades e tristezas da vida empurraram-no para as ruas da cidade onde dorme. É analfabeto e tem um sotaque acentuado do campo, mas é muito respeitoso e agradecido para com todos. Passa imensa fome pois tem vergonha de incomodar as pessoas pedindo esmolas. Só pede comida, não aceita dinheiro. A pouca comida que lhe dão ele reparte com o seu cãozinho também encontrado na rua e dois miúdos que pedem esmolas todos os dias na mesma esquina da cidade. Este homem, embora miserável, como forma de se sentir menos inútil faz questão de apanhar todo o lixo que encontra nas ruas da cidade e coloca-lo nos contentores. Sorri para as crianças quando estas o gozam e implicam com ele depois das aulas. Agradece a quem o insulta quando pede pão. Destes dois homens, qual gostaríamos de ter como amigo, pai ou irmão mais próximo? Qual admiramos? Qual é mais humano? É inegável que será o segundo, o seu bom coração suplanta em tudo a inteligência voraz do primeiro homem cruel. Esta é uma verdade incontestável deste mundo, no entanto, infelizmente são muitas as ocasiões em que não tomamos atenção e entregamos o pódio aos cruéis e ignoramos os bons de coração. Por isso faz-se de extrema importância trazer este axioma sempre junto ao coração. O "Axioma da Bondade" é a ponte que falta ao mundo contemporâneo para ser feliz. Quantas vezes não

persequimos a felicidade das formas mais erradas e estranhas, criando um vazio cada vez maior no peito e na alma, quando na realidade a verdadeira felicidade na maioria das vezes está mesmo ao nosso lado, à espera que tomemos acção, quer seja num irmão a precisar de ombro amigo, quer seja num pobre agradecido por um pão. A verdadeira superioridade humana está em sermos irmãos em vez de inimigos individualistas de toda a humanidade. Nunca esqueçamos que tudo o que valemos, valemos como um todo, uma só humanidade. Isolados somos apenas pó, juntos formamos o litoral inteiro de uma praia junto ao além-mar do céu e do espaço.”

Pasmei. As palavras de meu pai alcançavam o mais fundo do meu coração. As lágrimas escorriam em pinceladas grossas. Aquele homem de coração confuso e sem vontade que conheci junto com minha mãe não existia mais, agora via diante de mim um alguém de coração cheio e repleto de vida. Por vezes penso que o que mais importa não é apenas viver, mas sim saber viver. Minha mãe sabia viver como ninguém, ela fora um sol que passou por nossas frias terras e nos aqueceu. Mulher mais sublime entre todas as belezas da Natureza. Toque de alma mais delicado que afagava o coração a todos os seres que por ela passavam. Ela ficaria orgulhosa de conhecer este meu novo pai. Embora até hoje eu não perceba o paradoxo enorme à vida que foi o suicídio dela (surpreendeu-nos sempre em tudo na vida, até na forma como faleceu) agora vejo algo de bom a nascer das cinzas da tempestade. As lágrimas jorravam pelos leitos da minha face e as restantes passagens fizeram-nas transbordar em maremotos incontidos, escritas a linhas trémulas e marginais encontrei confissões de meu pai em pequenos rascunhos:

“Ambos os axiomas minha esposa ensinara-me da pior das formas, suicidando-se. Meu filho amado nunca soubera da história por completo, apenas do que os olhos viam. Toda a minha vida vivi como quem não quer viver. Tudo o que fizera fora para agradar a outros e nunca a mim. Meus pais queriam que eu seguisse os seus sonhos, nunca os meus, talvez por isso tenha aberto mão de viver. Todos sonhavam que eu fosse um grande médico. Todas as economias da minha família foram usadas para financiar os estudos do filho mais velho que se queria como um modelo. O que eu falava tinha que fazer eco no que os outros esperavam ouvir nas grandes festas da família. Tudo o que eu mais queria era viver, mas em troca só livros e estudo me esperavam no quarto escuro junto à varanda. Comecei a temer as pessoas pois sentia-me violado sempre que

exerciam a sua vontade sobre a minha. Nunca tive amigos de ombro, apenas colegas de galho em galho sem nunca os saber entender nem ser entendido. Por isso nunca soube ser alguém, apenas me deixava arrastar pela maré da vida como bicho morto escorre pelo esgoto da cidade. No apogeu da minha falta de viver conheci Maria Salomé. Só de a conhecer fora um milagre. Nunca pensei que houvesse alma capaz de me dedicar atenção no mundo, quanto mais uma alma tão gentil, acarinhada e popular como ela. Ao início, nas horas de pausa no hospital, ela estava mostrava-se apenas curiosa, perguntava-me sempre:

- Porque vens para onde há menos gente? Assim obrigas-me a vir para aqui também.

Eu nunca dava muita atenção. Dizia apenas algo que servisse como analgésico para não ter que me justificar daquilo que nem eu bem sabia:

- Gosto de sossego.

A partir daqui Maria Salomé tomava o rumo de toda a conversa, eu raramente abria a boca a não ser para sorrir.

- Sempre sonhei ser uma pirata. Quando era pequena não queria outra coisa. Estava sempre a pedir coisas de piratas aos meus pais. Aos domingos escondia-me nas árvores e atacava os rapazes da rua com uma fisga que roubei do meu avô. Alguns anos depois cresci e cansei-me de ser pirata, agora queria salvar o mundo, que tonta eu era... – aqui ela rebentava sempre em gargalhadas bem sonoras.

- Roubava roupa à minha mãe e deixava-a em saquinhos em frente à porta dos vizinhos que se vestiam pior, isto claro, com um bem ajeitado cartão feito a lápis de cor a apresentar a prenda. – adorava o sorriso dela quando descrevia esta parte.

- Era tão bom ser criança. Agora cresci mas continuo igualzinha, sempre a mesma tolinha, a vida é uma coisa maravilhosa não é? – nesta parte eu nunca sabia bem o que dizer e a boca escorregava-me para o negativismo.

- Digamos que a vida é estranha.

O silêncio nunca vencia porque Maria Salomé até a uma rocha conseguia roubar palavra.

- Tu não falas mesmo muito não é? Assim vou ter que falar pelos dois, e olha que eu nunca me canso de falar, adoro falar, é tão bom partilharmo-nos com os outros.

E os momentos seguiam-se sempre assim todos os dias, cada vez Maria Salomé abandonava mais as companhias do costume e vinha ter comigo nas horas de pausa no hospital, onde estava sempre sozinho sentado numa esquina onde havia janela.

- Porque fazes sempre isso?

- O quê, sorrir? – duas gargalhadas ecoavam de imediato pelo corredor.

- Vir ter comigo, não precisas, decerto é mais interessante junto dos outros.

- Não sejas tolinho. Tu estás sozinho e os outros não, estão todos mais do que acompanhados em redor da máquina dos lanches, gosto de equilibrar as balanças.

- Não tenhas pena pois eu estou sozinho por opção, gosto de aqui estar, desgosto grande parte da companhia humana.

- Ah isso é que era bom. Ninguém desgosta da minha companhia! E tu não mereces pena, tu desenrascas-te muito melhor do que qualquer outro, esses sim morriam se se vissem sozinhos por dois minutos. Tudo o que faço na vida nunca é por nada menos do que por amor.

Esta fora a primeira vez que ouvi esta palavra com peso sentido nos lábios de alguém. Maria Salomé gostava de estar sempre onde era mais precisa, gostava de amar onde houvesse menos amor, gostava de cantar onde houvesse menos silêncio, assim era ela. Penso que nunca procurou ser amada na vida, pois não precisava, tudo o que ela mais queria era amar, amar, amar! E quem melhor do que eu prestava maior prova de ser amado? Esta mulher era extraordinária. Um ano depois casamo-nos. Outro ano passado tivemos o nosso único e amado filho. Colocar alguém como eu na rota de uma família era algo que só ela conseguiria, mais ninguém neste mundo. Os dias passavam-se em todos nada iguais, Maria Salomé fazia questão de colocar um pouco de brilho e magia em cada um, dizia ela que a vida merecia a nossa maior atenção e que não havia desculpa para repetir o mesmo dia duas vezes quando havia tanto por onde viver. Levava-nos a passear, a dançar, a cantar, a

acampar, a correr, a brincar... A todo o tipo de situações novas e cheias de vida, quanto mais cheias de vida melhor, dizia ela. Os anos passavam e eu aprendi a amar como nunca soubera ser possível. Também aprendi a crescer. Maria Salomé dizia que havia muitas e variadas formas de transmitir amor, e zangar-se, ralhar e corrigir eram algumas delas. Nada lhe escapava. Uma moeda que eu não desse a um pobre, um sorriso que eu não desse a um desconhecido, um perdão que eu não cedesse a quem me chateava, tudo era motivo de lição e Maria Salomé era uma professora implacável. Tantas e quantas vezes se zangou comigo e me virou costas à espera que eu corrigisse o erro. Ela sabia amar como mais ninguém. Às vezes penso que ela acreditava que me podia mudar, que me podia curar do meu mal de não saber viver, e que era isso que ela mais desejava. Muitas vezes também eu acreditei ser ela capaz disso, no entanto eu era paciente crónico, em vários momentos eu revelava a minha verdadeira natureza e ia abaixo, levando todos os demais abaixo comigo. Ela nunca me confessou, mas eu sei que muitas vezes ela chorava, escondida de mim, pelas dores e desgostos que eu lhe causava.

- Hoje faleceu outro paciente na enfermaria. Estava em tratamento há já três semanas, todas as noites acordava a todos aos berros com dores, sofria de cancro do estômago e só Deus sabe o que ele passou. Lutou até ao último minuto pela vida mas esta fugiu dele nos instantes finais. Vi-o a morrer hoje mesmo. Era tão jovem, estava de noivado para o mês seguinte. Estou de rastos, às vezes penso por que razão quis ser enfermeira, ver gente a morrer todos os dias não era bem o meu sonho. – confessava-me Maria Salomé enquanto se despia demoradamente para se deitar.

- Tornaste-te enfermeira porque querias salvar o mundo, não era assim?

- Não, já te contei essa história milhares de vezes, isso era quando era criança. Fui para enfermeira porque queria aprender a tratar o meu avô das feridas que lhe rebentavam nas varizes todos os dias, queria acabar com o sofrimento dele, mas meio ano antes de eu acabar o curso o meu avô faleceu juntamente com as dores e eu não ajudei em nada. A partir daí segui a vida ao sabor do vento. Quantas vezes já te contei isto, tu não estás atento ao que te digo?

- Às vezes esqueço-me, é tanta história.

Maria Salomé nunca se importou que eu não falasse, no entanto a única condição dela era que gostava de ser ouvida. Continuou, mas um pouco mais aborrecida:

- Ontem foi o mesmo. Havia uma menina muito simpática que se metia todos os dias com as enfermeiras. Ela dizia que éramos as princesinhas dela e que ela era a rainha. A menina fora espancada pelo pai e acabou no hospital inconsciente, trazida por uma tia. Ao fim de uma semana, ao fim da tarde, enquanto lhe dava o jantar, a menina faleceu com um coágulo no cérebro. Os serviços de urgência ainda tentaram mas não adiantou. Às vezes sinto-me tão impotente... Às vezes pergunto-me porque não me levou antes a mim Deus do que a ela...

- Não sejas ridícula, como podes acreditar em Deus depois disso tudo? Deus é um conto de crianças para embalar adultos. A menina morreu porque o corpo dela falhou, nós um dia também vamos morrer quando o nosso falhar, são as leis da biologia. O hospital é a maior prova de que Deus não existe, não sei como podes continuar a acreditar nesse conto de fadas depois de tudo isso. A vida é de carne e osso não de fantasias! Deus não faz cá falta, mas tu fazes, eu preciso de ti, por isso deixa-te de dizer essas coisas, todos têm a sua hora, ninguém foge à morte e quando ela nos apanhar acabou-se a vida, por isso temos que valorizar a nossa enquanto a temos.

Maria Salomé ficou imóvel, em silêncio absoluto e olhar vazio durante uns momentos. Eu reparei que tentava conter algumas lágrimas que humedeciam os olhos.

- Vou dormir.

Estas foram as últimas palavras que ouvi de Maria Salomé em vida. De resto só sei que ela passou toda a noite acordada remoendo talvez todas as palavras que lhe dirigi, eu sentia-lhe a insónia inquietante na cama. Eu estava cansado depois de um longo dia de operações por isso não tentei consolá-la, só me preocupei em dormir, imaginei que amanhã não seria nada. Dias antes tivéramos as mesmas discussões, por diversos assuntos, várias vezes ao longo da semana, mas já estava habituado àquele desfecho em silêncio, sabia que era só dar tempo ao tempo e tudo voltaria ao normal, Maria Salomé sabia amar e portanto também sabia perdoar. Mas muito me enganei nessa noite, arrasta-se comigo esse momento pelos tempos do infinito – no dia seguinte encontrei minha esposa morta no

alpendre das escadas de madeira. Talvez nessa noite Maria Salomé tenha percebido que por mais que desejasse, ninguém cura ou muda ninguém, só nós mesmos o conseguiremos fazer de dentro para fora. Foi desta forma que aprendi da pior das maneiras os dois axiomas básicos da vida: não vale a pena viver se não houver vida depois da morte e a bondade é a qualidade máxima que eleva qualquer ser humano. Quis fazer acreditar minha mulher na impossibilidade do Axioma de Deus, e ela suicidou-se. Vivi como um gênio, mas foi Maria Salomé, humilde enfermeira do hospital da terra, a única que vivei realmente de verdade, confirmando o Axioma da Bondade em toda a sua majestade.”

Eu estava abatido, ler esta passagem era como assistir duas vezes seguidas a minha mãe morta junto à porta de casa. De tanto chorar já não tinha lágrimas. Aqui encontrei a razão de meu pai nunca ter tido coragem de também ele se suicidar: sentia-se arrependido, sentia-se culpado. Viver, era a forma de ele mesmo se castigar. O meu coração estava dizimado. Não tinha mais forças para continuar, mas sobrava apenas uma página, a minha alma estava no fundo de um poço escuro de recordações doridas, nada magoaria mais de ser lido do que as páginas que ficaram para trás:

“Ao meu filho deixo a maior das gratidões. Anjo inocente da cobardia dos pais, ele foi a minha maior conquista em vida, ele foi o meu milagre. A ele devo tudo. Desde jovem sempre fora o pilar de nossas vidas. Consolo da mãe nas horas de dor e incompreensão do marido, trela do pai em todas as horas de dúvida e revolta. Nasceu homem e com a idade se torna uma criança tão mas tão cada vez mais carinhosa e linda. O seu coração de tão forte tornou-se no maior templo de fé do mundo. Apesar de tudo, a ele eu sei que não sobrará o mesmo destino infeliz dos pais. Fico feliz de poder ter visto, nem que fosse por breves instantes a família que ele com tanto amor criou. O meu carinho maior à minha netinha linda, estou seguro que o seio desta nova família será o abrigo mais fértil que qualquer criança semente poderá desejar. Os meus últimos anos de vida dediquei-os em honra de meu filho amado. Não queria morrer sem primeiro deixar-lhe algo que valesse a pena de seu incompetente pai, olha-lo nos olhos era como sentir-me culpado pelo pior dos crimes todos os dias, por isso refugiei-me à procura de absolvição e um rumo produtivo. Alistei-me como médico sem fronteiras, galguei países do terceiro mundo durante sete anos, provendo cuidados em meios tão precários que nem esperança se ouvia. Aí encontrei Deus,

o Deus que Maria Salomé tantas vezes falava, e descobri que esse Deus não vivia num céu distante mas sim aqui mesmo, dentro de cada um de nós. Chorei muito mas também sorri muito, em terras do fim do mundo não há vida nem morte, os anos valem dias e os dias valem anos, uma gargalhada era o que bastava para o momento ter valido a pena. Nos últimos meses descobri que tinha cancro já muito adiantado e a morte se aproximava. É irónico, quando corremos atrás de uma coisa parece que nunca a conseguimos segurar, mas quando a não queremos mais ela volta e encontra-nos sempre. A morte aproximava-se, por isso guardei um pouco de mim nestas linhas e tratei de as enviar de volta para meu filho amado, queria-lhe deixar um pouco do pai, pelo menos um pouco daquilo que valesse a pena ter do pai. Ainda mais do que isso deixo-lhe uma prenda de Deus. Entre as dores do terceiro mundo, mundo dos filhos esquecidos pelos homens mas nunca esquecidos por Deus, presenciei os mais estranhos casos patogénicos e as mais incríveis situações de vida e sobrevivência. Tudo aproveitei para estudo produtivo e bom. De tanto observar mortes, mas também vitórias contra a morte, todos os dias, Deus permitiu-me encontrar as portas da alma em meus estudos, descobri finalmente o órgão que liga o corpo à alma! Juntei o meu estudo nas várias folhas espalhadas que envio. O meu presente maior é um embrulho: com o que aprendi criei uma máquina capaz de unir céu e terra. Através de desenvolvimento celular em condições artificiais consegui recriar o órgão de Deus, órgão que liga corpo e alma, e através dele consegui ligar aparelhos de som ao mundo do outro lado da vida. Embora sempre tenha sido o meu sonho voltar a falar com Maria Salomé, em verdade nunca usei verdadeiramente o aparelho por não me sentir merecedor de falar com ela nem com os céus, mantenho meu voto de silêncio e só abro a boca quando minhas mãos se mostrarem dignas pelo trabalho em benefício do bem que eu possa fazer. Mais um século de voluntariado não seriam suficientes para me sentir humano o suficiente. Deixo a decisão sobre o que fazer com o aparelho nas mãos de meu amado filho, ele saberá melhor do que eu o que será melhor, Deus deu-me um homem com um coração do tamanho do mundo. A ele, todo o meu amor, e todo o meu pedido de perdão.”

A tempestade passou. Sentia-me renascido agora. Minha mãe muito se ia orgulhar de meu pai neste momento; estou certo que se orgulha de verdade onde estiver. Arrumei os rascunhos e manuscritos como um tesouro num canto de estima na casa. Muito mais havia a ler entre os rascunhos de meu pai, mas por agora bastava, mais

nenhuma palavra teria tanto peso como o que acabará de ler. Um livro velho e muito relido pelas páginas gastas sobrava entre os papéis. O seu nome era "Livro dos Espíritos", no autor lia-se Allan Kardec. Este livro peguei e coloquei na cabeceira da minha cama, intrigava-me que autor conseguiu inspirar tão positivamente meu pai durante estes sete anos. Olhei para o embrulho no canto da sala e não tardei muito a pensar, a decisão estava tomada logo à partida. Levantei-o e deixei-o no lixo junto ao portão de casa – antes de aprendermos a morrer, primeiro faz-se necessário a todos os homens aprender a viver.
